



Entrevistas ACM

Ricardo Kotscho
por Kátia Muniz*

“Sabe por que a imprensa está deste jeito hoje, tão padronizada e burocratizada? Porque antigamente nós (jornalistas) saíamos das redações e íamos para o bar. Hoje, vai todo mundo à academia”.

A informação é o seu compromisso

Jornalista há mais de 40 anos, Ricardo Kotscho já trabalhou nas maiores mídias brasileiras. Vencedor dos prêmios Esso, Abramo e Herzog, Kotscho não nega sua veia jornalística e após ter assessorado o presidente Lula por dois anos em seu primeiro mandato, volta, como ele mesmo afirma, “a sua praia” atuando como repórter do portal IG e da revista Brasileiros.

Nesta breve entrevista, Ricardo Kotscho expressa um pouco da sua visão sobre Assessoria de Imprensa e o jornalismo feito atualmente em relação ao jornalismo feito por quem iniciou sua carreira junto à ditadura militar em 1964.

Como define um bom assessor de imprensa?

Não me considero a pessoa mais indicada para falar sobre isso, pois não é a minha praia. Eu trabalhei eventualmente como assessor de imprensa com o presidente Lula nas campanhas e dois anos na presidência, mas em toda a minha vida eu fui repórter. Procurei na função de assessor de imprensa, fazer tudo aquilo que eu esperava que fizessem comigo, ou seja, me ajudassem a fazer matéria.

Quais são os pontos positivos de um assessor de imprensa?

A função do assessor de imprensa não é só assessorar a empresa que lhe paga o salário, mas é, também, prestar assessoria à imprensa. Facilitar o trabalho do jornalista, permitir o acesso à informação, indicar as pessoas que podem falar. Eu, enquanto assessor de imprensa, levei isso muito a sério, tanto que em certa ocasião o presidente Lula brincou comigo dizendo: “*Você parece mais assessor da imprensa e não assessor de imprensa*”. Foi o maior elogio que recebi como assessor.

Há diferença entre o assessor de imprensa e o jornalista de veículo?

Pra mim não há. Todos somos jornalistas. É claro que os meios de um assessor de imprensa são diferentes dos de um repórter de redação, mas a natureza do jornalismo é a mesma. A essência é igual, ou seja, apurar informação e divulgar. É isso o que se espera tanto de um profissional de redação quanto de um assessor de imprensa.

Qual deve ser a conduta de um assessor de imprensa com relação ao seu assessorado e a imprensa?

Uma vez me perguntaram se eu como assessor de imprensa podia criticar a empresa ou o governo que trabalhava. Eu disse que não! Da mesma maneira que eu nunca critiquei as empresas onde trabalhei, eu não podia trabalhar na Folha e esculhambar com a Folha.

O limite é este. Você tem que divulgar informações honestas.

Cite alguns pontos negativos de um assessor de imprensa.



Sonegar informação. Ou pior, dar informação errada. Nem sempre você tem todas as informações que te pedem e na hora que o jornalista quer, mas você jamais deve tirar o jornalista do caminho dele. Se ele já está no rumo certo, você pode ajudar, mas nunca atrapalhar. O ponto negativo é esse. O cara que protege demais o seu assessorado e não cumpre o seu compromisso como assessor.

Ricardo, você começou sua carreira como jornalista em 1964, no mesmo ano em que começou a ditadura. O jornalismo feito naquela época era mais investigativo, o que colaborava para que as informações fossem mais apuradas. Qual a sua avaliação quanto ao jornalismo que era feito naquela época com o jornalismo atual?

Olha, não gosto muito dessa expressão investigativo, me remete muito a polícia. Quem investiga é policial, tira. Isso é coisa da ditadura. Pra mim, só há um tipo de jornalismo, aliás, dois: o bom e o ruim. Hoje se fala muito de jornalismo investigativo, literário, jornalismo humano, pra mim jornalismo é jornalismo. O jornalismo bom é aquele em que você vai atrás de uma história, apura as informações e divulga. Claro que se você souber Português e escrever ajuda. Esse é um problema muito grave que existe hoje. Tem muita gente que gosta de investigar, fazer reportagem, mas não sabe escrever. Isso é seriíssimo. Mas não sou nostálgico em dizer que quando comecei nos anos 60 do século passado, o jornalismo era pior ou melhor do que hoje. É bem diferente. Você tinha um jornalismo mais de autor. Hoje o jornalismo parece mais pasteurizado. Parece que a mesma pessoa é quem escreve todas as matérias para todos os jornais. Parece que é sempre o mesmo editor o mesmo redator.

Hoje o que se percebe nas editorias é que umas correm atrás das outras. Qual a sua percepção?

Você tem razão. Eu realmente acho que naquela época, havia mais preocupação em checar a informação, em apurar direito, ir atrás de novidades e contar. Um defeito que existe na imprensa hoje é o “Jornalismo do Prato Feito”. É o que o Alberto Dines chama de jornalismo fiteiro. Alguém tem uma fita ou um dossiê, vai e entrega pro outro publicar. Eu sou do tempo em que você tinha que batalhar, ralar muito. Cheguei a ficar três meses para fazer uma reportagem, para descobrir uma história, para denunciar uma coisa que estava errada.

Qual o conselho que você deixa para o jornalista que está iniciando a carreira?

Eu acho que, pra começar, você tem que estar disposto a aprender independentemente da escola. Quanto mais cedo, melhor. Fazer estágio remunerado ou não e meter as caras. Isso vale em qualquer profissão.

Quando você diz: “meter as caras”, o que quer dizer mais especificamente?

É ir procurar serviço, é ir trabalhar. Eu, por exemplo, trabalhei seis meses de graça para o Estadão no início da carreira. Trabalhei em jornal de bairro, recebia um pequeno salário e vivia da venda de anúncio. Isso é meter as caras, é não ter vergonha, é ser chato. Se você for esperar se formar e colocar o diploma embaixo do braço e achar que vai arrumar emprego, não vai!

* Kátia Muniz – jornalista, uma das criadoras da ACM Comunicação.